FORMAÇÃO DAS NAÇÕES SUL-AMERICANAS DO PRATA

General R-1 FLAMARION BARRETO

SUMÁRIO

1. O MEIO FÍSICO

a. A Bacia do Prata:

(1) *Definição:* A Bacia do Prata compreende as terras irrigadas pelos rios Uruguai, Paraná, Paraguai e Prata. Mede uma área de .... 4.500.000 Km2.

(2) *Limites:*

Ao Norte encostas meridionais do Maciço Mato-grossense e Goiano e contrafortes orientais do Planalto Boliviano.

A Este Maciço Atlântico do Sistema Brasileiro, marcado pelas vertentes oeste das serras do Mar, Mantiqueira e Geral, e as da Coxilha Grande em território uruguaio.

A Oeste Andes Bolivianos, serras subandinas da Argentina (Jujuy e Salta), serras de Córdoba e São Luiz.

Ao Sul: serras de Tandil e Ventana.

(3) *Unidades Hidrográficas:* Bacia do Paraná — Bacia do Paraguai — Bacia do Uruguai — Bacia do Prata.

(4) *Composição Política:*

— *Brasil:* Sul de Mato Grosso; sudoeste de Minas Gerais, Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, menos territórios pertencentes à vertente atlântica.

— *Uruguai:* A oeste da Coxilha Grande.

— *Argentina:* Planície do Chaco e de Buenos Aires, Mesopotâmia, Território das Missões, região noroeste (Jujuy, Tucumã, Salta, etc.).

(5) *Características principais dos rios formadores:*

(a) *Rio da Prata:*

— Formadores: Paraná e Uruguai.

— Largura: 220 km (o mais largo do mundo).

— Comprimento: 278 km.

— Divisões: Seção superior: da confluência do Paraná e Uruguai até a Linha La Plata — Colônia, (3.500 km2).

Seção média: Linha La Plata — Colônia à linha Punta Piedras — Montevidéu (9.000 km2).

Seção inferior: da linha Punta Piedras — Montevidéu até uma linha imaginária ligando os cabos Santa Maria (Uruguai) e Santo Antônio (21.000 km2) (Argentina).

Aspectos gerais: É relativamente raso com inúmeros bancos de areia, criando muitos canais, dos quais, o mais profundo passa junto à costa uruguaia com 20 a 40 metros de profundidade. Observa-se inúmeras ilhas, principalmente, junto à costa do Uruguai, sendo a mais importante a de Martin Garcia, situada em frente à confluência dos rios formadores, dominando o canal mais profundo.

(b) *Rio Paraná:*

— Formadores: Rio Grande que nasce na Serra da Mantiqueira e rio Paranaíba com origem no planalto Goiano.

— Curso: 4.500 km, sendo 1.870 em território brasileiro.

— Largura variável: Em Urubupungá 1.000 m; na confluência do Ivaí, 1.500 m; nas Sete-Quedas passa de 4.500 m para 60 m.

— Área da Bacia: 3.000.000 km2, sendo 1.870.000 em território brasileiro (mais da metade no Brasil).

— Divisões do Curso: Alto Paraná: da confluência dos formadores até o Salto de Guaíra.

— Médio Paraná: de Guaíra até Posadas, sendo de Guaíra a Pôrto Mendes inavegável, e desta última localidade à do Posadas perfeitamente navegável.

— Baixo Paraná: do Posadas ao Delta perfeitamente navegável, mas de leito pouco definido.

— Condições de navegabilidade: De Santa Fé até a foz do Paraguai por navios de calado até 4 m; da foz do Rio Paraguai até Pôrto Mendes suporta calados até 2,5 m.

— Da foz a Rosário, navegação oceânica (420 km). De Rosário até Santa Fé, por embarcações de 19 pés de calado (5,70 m).

(c) *Rio Paraguai:*

— Nascente: no Brejo do Morro Velho próximo a Diamantina, no Planalto sul-mato-grossense.

— Largura: 350 m em média com profundidade de 4 a 5 m.

— Curso 2.078 km, sendo 1.406 em território do Brasil (2/3).

— Área da Bacia: 352.300 km2 no Brasil; 400.000 km2 no Paraguai; 250.000 km2 na Argentina; 300.000 km2 na Bolívia, num total de 1.300.000 km2.

A área de inundação é a maior do Continente, medindo-se por retângulo de 400 por 250 km.

— Condições de navegabilidade: é navegado por navios de sete a oito pés de calado até Cáceres e daí até quase as nascentes por pequenas embarcações.

(d) *Rio Uruguai:*

— Nascente: nasce com o nome de Pelotas na vertente Oeste de Cadeia Oriental, entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

— Largura: variando de 700 m em São Borja, até 12.000 na confluência com o Paraná.

— Curso: de 1.500 km dos quais 1.000 em território brasileiro.

— Divisões do curso: Alto Uruguai: das nascentes até Salto Grande (com 11 m) um pouco a jusante da foz do Peperiguassu.

— Médio Uruguai: de Salto Grande à Cidade de Salto (760 km).

— Baixo Uruguai: de Salto à foz.

— Área da Bacia: 202.168 km2.

— Singularidade: no estreito, situado a 12 km a jusante da Ponte de Marcelino Ramos, o Rio se estreita entre paredões graníticos de tal forma que se pode colocar os pés nas duas margens.

b. Uma interpretação do fator geográfico:

(1) *Estudo do espaço:*

(a) *Geologia*

Quaternária na Planície; Terciária nos Andes, nas Coxilhas da Mesopotâmia; Arqueana nas mesetas do Paraguai e em parte dos limites com o Planalto brasileiro.

O solo na Planície estava coberto por espêssa camada de "Loess" constituído de sedimentos carreados do Planalto brasileiro e de lavas provenientes do vulcanismo andino.

Conclusão: Terrenos muito aptos à produção agrícola e pecuária. Pequenas possibilidades minerais na planície, regulares nas vertentes andinas.

(b) *Climatologia*

Tropical, acima de 24°, abrangendo áreas do Paraguai, Bolívia, Mato Grosso, Goiás, São Paulo.

Tropical temperado, entre 24° e 30°, compreendendo áreas da Mesopotâmia, do noroeste argentino, do Rio Grande do Sul; oeste do Paraná e Santa Catarina.

Subtropical, entre 30° e 35°, abrangendo áreas do pampa argentino e do Uruguai.

Conclusão: propiciava boas condições de vida em tôda a área da bacia, acentuadamente ao sul do paralelo de Posadas. A grande variedade climática propiciava boas condições para produção da vasta gama de produtos agrícolas, incluindo os cereais nobres e para criação. Oferecia, ainda, boas condições para adaptação de populações provenientes da Europa.

(c) *Vegetação*

Na maior parte da bacia a vegetação era de pequeno porte, representada pelos cerrados (Minas, Mato Grosso e altos cursos dos afluentes paulistas do Paraná), prado (Mesopotâmia argentina e o pampa).

As matas tropicais ocorriam no oeste do Paraná e de Santa Catarina, em trechos poucos extensos das Missões do oeste do Paraguai

Conclusão: A vegetação era fracamente permeável na maior área da bacia, facilitando a circulação. As boas pastagens, particularmente, no pampa, criavam boas condições para a criação. As matas tropicais, a Este, dificultavam a penetração na direção Este-Oeste, do rio Ijuí para o norte.

(d) *Orografia*

Constituída por uma grande planície, limitada por um hemiciclo de alturas muito mais baixas ao Norte, a Este e ao Sul, de que a Oeste.

A Oeste, os Andes constituíam um nítido elemento separador oferecendo apenas limitado número de passos, onde se poderiam estabelecer contatos entre uma e outra de suas vertentes.

Ao Norte, a Este e ao Sul, a linha de cumiada das alturas era pouco nítida e não raro inexistente. Suas vertentes ocidentais caíam suavemente sôbre a Planície, não constituíam elemento separador nítido, particularmente, ao Sul do Paralelo de Posadas.

No interior da Bacia os divisores secundários de seus Rios eram pouco caracterizados e não constituíam obstáculo à circulação.

Conclusão: A orografia propiciava nítida separação com a vertente do Pacífico e funcionava como elemento isolante. Ao Norte, Este e Sul não oferecia obstáculo à penetração vinda do Norte, do Este ou do Sul e tanto menos quanto mais ao Sul se fizesse. No interior da Bacia, a Orografia não opunha obstáculo à circulação, facilitando, ao contrário, a abertura de caminhos terrestres.

(e) *Hidrografia*

A região costeira era baixa no Uruguai e na Argentina, apresentando, apenas, uma articulação importante, o estuário do Prata que funcionava, pela sua amplitude, como verdadeiro mar interior. Dada a ausência de outras articulações de importância e o fato de coletar as águas de extensos e profundos rios, se transformou em ponto de con-

vergência das vias terrestres e fluviais interiores e das marítimas provindas de áreas vizinhas ou longínquas. Constituía poderoso obstáculo, separando as áreas dominadas pela Argentina e o Uruguai mas constituía, também, o caminho mais fácil para ligá-las através de meios marítimos ou fluviais.

O Rio Paraná penetrava profundamente o continente da direção Sul-Norte, e através do Paraguai, que lhe prolongava a influência, chegava até o divisor com a Bacia Amazônica. A cachoeira da Guaíra interrompia, em pequena extensão, a navegabilidade do Rio Paraná, que podia, entretanto, ser retomada em largo trecho a montante dêsse obstáculo. Os importantes afluentes da margem Este do Paraná, levavam sua influência até as proximidades do Atlântico e podiam servir de caminhos para atingi-lo vindo da vertente atlântica, favorecendo a penetração no sentido geral de nordeste para sudoeste.

Afluentes da margem Oeste do Rio Paraguai, como o Pilcomaio e c Bermejo, ofereciam possibilidades para atingir as encostas orientais dos Andes, apesar de suas más condições de navegabilidade.

Conclusão: A Hidrografia propiciava boas condições de irrigação de tôda a área, favorecendo a produção agrícola e pecuária.

O estuário do Prata, reunindo tôdas as águas da Bacia e sendo a mais importante articulação da área costeira, funcionaria forçadamente, como elemento polarizador das vias de transporte terrestres, fluviais e marítimas. Seria a porta de entrada e saída, forçada, da Bacia.

(f) *Conclusões gerais:*

A Bacia era uma unidade geográfica do tipo Planície, servida por boas condições de clima e bem irrigada, tendo possibilidade de apoiar em boas condições efetivos demográficos importantes. Êsse espaço poderia funcionar como suporte de uma grande Nação.

As condições físicas, dominantes na Bacia, favoreciam mais a produção agrícola e pecuária do que a mineral. Ofereciam boa aclimatação de espécies vegetais e gado existente na Europa.

A inexistência de obstáculos, decorrentes da orografia e vegetação, as boas condições de navegabilidade dos rios principais e de seus afluentes, propiciavam boas condições de circulação no interior da Bacia e a ação polarizante do estuário lhe dava grande poder aglutinante.

A penetração na direção Este-Oeste ou para vertente do Pacífico, estava limitada a poucos passos existentes nos Andes, mas na direção Sul-Norte e Oeste-Este, seria facilitada pelo sentido dos cursos e condições de navegabilidade dos rios, e inexistência de uma linha orográfica nìtidamente separadora. As penetrações vindas da vertente do Atlântico encontrariam bons caminhos naturais.

Em caso de desagregação da unidade geográfica, esta era mais facilitada no sentido dos Meridianos do que nos dos Paralelos, dado à feição plana do relêvo e os cursos dos rios principais, orientados no sentido dos Meridianos.

(2) *Estudo da Posição:*

(a) *Absoluta:* Entre os 10º e os 35º latitude Sul, 40º de longitude Este e 65º da longitude Oeste. No hemisfério Sul.

(b) *Relativa:* Com colônias espanholas — boa separação.

— Com colônia portuguêsa — má separação, ensejando penetrações e choques, tanto maiores quanto mais ao sul.

— Afastamento dos grandes feixes de navegação para Antilhas e Índias. Maior proximidade de áreas luso-brasileiras.

(c) *Conclusões gerais:*

— Isolamentos relativos das rotas comerciais com Espanha. Maior proximidade das rotas luso-brasileiras.

— Choque com os portuguêses, mais intensos no estuário, buscando como limites de influência os rios.

— O estuário, como saída e entrada forçada da Bacia, adquiriu grande importância na vida das populações que aí se radicaram.

(3) *Estudo da Circulação:*

(a) *Interna:* Muito boa, seja pelas vias fluviais, seja pelos caminhos terrestres.

(b) *Externa:* Com o Chile e o Peru através dos passos nos Andes; com o Brasil, mais fácil no sul do que no norte.

(c) *Conclusões gerais:*

— Difícil o choque com as populações do Chile e da Bolívia.

— Possibilidades grandes de choques com os portuguêses, particularmente no Sul.

— Domínio do estuário necessário para assegurar a vida das populações do interior.

— Dificuldade de comércio com a Europa.

c. **Implicações gerais do fator geográfico:**

O fator geográfico, analisado em têrmos de espaço, posição e circulação, poderia ensejar nesta área a formação de um grande Estado tendo como suporte físico a ampla unidade geográfica-econômica da bacia. Em caso de desagregação a ordenação política era favorecida no sentido dos meridianos.

— Seriam maiores as possibilidades agrícolas do que minerais.

— Haveria possibilidade para apoiar grande efetivo humano.

— Seriam difíceis os choques com os chilenos e bolivianos. Fáceis com os portuguêses, particularmente no sul.

No lado Este os rios seriam chamados a servir de limites, dada a indefinição dos elementos orográficos.

— Amplas facilidades de circulação interna, forçando a unidade geográfica. Dificuldade na circulação com áreas afastadas, agravando

o isolamento da bacia, em relação à América do Sul e à metrópole. Proximidades de áreas luso-brasileiras.

— O domínio do estuário importaria em assegurar uma grande influência sôbre as demais áreas da bacia.

— Haveria influência das populações litorâneas sôbre as interioranas.

— Seriam pequenas as possibilidades de intervenção e apoio direto da Metrópole.

d. Implicações particulares do fator geográfico:

(1) *Contribuição da Posição de Buenos Aires à formação dos países platinos:*

(a) *Análise sintética:*

A posição geográfica de Buenos Aires pode ser vista em relação à atual Argentina, ao antigo Vice-Reinado do Rio da Prata e à própria América do Sul.

Em relação à Argentina, Buenos Aires ocuparia o centro da área pampeana, a mais rica e povoada do país. Reunia, pois, condições para crescer econômica, política e socialmente. Era além disso, o escoadouro normal de outras regiões naturais, subordinadas ao Govêrno de Buenos Aires.

Em relação ao Vice-Reinado, Buenos Aires seria a saída e entrada obrigatória para tôdas as correntes comerciais, vindas do interior ou exterior. Essa posição natural foi consolidada com o privilégio do Monopólio de que gozou o Pôrto de Buenos Aires, depois do abrandamento do sistema de monopólio. Buenos Aires absorveu, portanto, durante mais de um século, a vida econômica da Bacia do Prata e foi o elo de ligação entre as atividades político-sociais que ali se verificaram e as outras áreas exteriores.

Em relação à América do Sul, Buenos Aires no período Colonial foi o Pôrto mais importante, de São Salvador para o Sul. Estava, entretanto afastado em relação aos grandes feixes de navegação da época. Isso contribuiu para o isolamento da Bacia do Prata como um todo e marcar suas populações com um caráter individualista e uma grande suscetibilidade às imposições externas, procurando resolver seus problemas isoladamente.

(b) *Apreciação:*

Do que ficou sucintamente exposto, se poderá concluir que o Pôrto de Buenos Aires:

— Estava encravado numa das áreas mais ricas e mais povoadas da Bacia do Prata, o que lhe dava possibilidade para crescer econômica e demogràficamente, mesmo que estivesse separado de outras áreas dessa Bacia. Sua influência sôbre o Pampa era enorme.

— Constituía a porta de entrada e de saída de tôda a área da Bacia do Prata, agravada pela imposição do Monopólio, o que lhe dava possibilidades de absorver a vida econômica das populações que nela se radicaram.

— Era o elo de ligação, entre as idéias que se agitavam no interior e as que vinham de fora, transformando-se no centro de idealidade política da Bacia do Prata, o que conduziria necessàriamente sua elite a tomar a seu cargo a direção de movimento emancipador das populações platinas.

— Cresceu aceleradamente em poder demográfico, econômico e político e se agigantou em relação às outras áreas da Bacia do Prata, tornando-se alvo de queixas e ressentimentos generalizados. Desequilibrou, portanto, em seu proveito, o crescimento harmônico das comunidades platinas, criando motivos de sérios ressentimentos.

(2) *Contribuição do fator geográfico à formação dos países platinos :*

ARGENTINA

— Favoreceu a criação do antagonismo entre a cidade de Buenos Aires e a campanha da Província dêsse nome, o que enfraquecia o poder militar e político de ambas.

— Valorizou as áreas litorâneas, em detrimento das do interior, favorecendo o nascimento do antagonismo litoral-interior.

— Possibilitou o predomínio econômico, demográfico, político, social e militar, de fato, da província de Buenos Aires sôbre as demais, conferindo-lhe uma liderança incontestada, mas opressiva e suportada com sacrifícios inumeráveis.

— Absorveu as fracas correntes imigratórias o que contribuiu para consolidar o crescimento da cidade portuária e foi motivo de queixas do interior.

— Favoreceu o aparecimento, em Buenos Aires, de uma poderosa elite burguesa, composta de mercadores e grandes fazendeiros, ligados a interêsses estrangeiros, privilegiados por favores da coroa e dispostos a manter essa posição, aliada a um grupo de intelectuais, impregnados de novas idéias que agitavam o mundo.

— Dificultou a participação das populações do interior da Bacia na vida hispano-americana, predispondo-as para o isolamento, para resolver seus problemas isoladamente, para reagir prontamente contra imposições estranhas.

PARAGUAI

— Contribuiu para a perda do domínio político de Assunção e o ressentimento conseqüente das populações que viviam na região.

— Subordinou a economia do Paraguai ao estuário, valorizando a via fluvial Paraguai-Paraná como meio de transporte tornando o problema da livre navegação nesses rios numa reivindicação natural e importante de suas populações, forçando a procura de outra saída.

— Favoreceu o isolamento do Paraguai, marcado por uma preocupação constante de auto-suficiência econômica, para fugir às imposições da cidade portuária.

BOLÍVIA

— Favoreceu a separação da Presidência de Charcas do Vice-Reinado do Peru e a criação da cunha política que separou Peru do Chile, agravando o isolamento natural dêste.

— Favoreceu o contrabando na região mineira de Potosi prejudicando os interêsses da Coroa e provocando as medidas administrativas que contribuíram para caracterização político-social de suas populações.

— Contribuiu para instabilidade territorial da Presidência de Charcas, *favorecendo sua divisão em várias Intendências. Êsse fato traria os* fermentos, que mais tarde explodiriam nas lutas que a Bolívia teve de sustentar com os seus vizinhos.

— Favoreceu a entrada na área das novas idéias que agitavam o mundo, através do contrabando de livros e de contatos entre intelectuais.

BRASIL

— Contribuiu para tornar efetiva a decisão portuguêsa de ocupar a margem norte do estuário e as lutas militares conseqüentes.

— Permitiu, graças ao seu poder demográfico e posição de liderança na Bacia que os espanhóis conduzissem com êxito a defesa tática da margem do estuário.

— Constituiu o ponto de atração política em tôrno do que gravitava parte da população do Rio Grande do Sul, contribuindo para a instabilidade política, nessa área, e para as medidas político-militares aí adotadas pelos portuguêses.

— Contribuiu para fazer a livre navegação dos rios platinos um dos objetivos fundamentais da política luso-brasileira do Prata, criando os fermentos que provocariam as guerras posteriores.

— Criou os motivos e elementos que geraram o antagonismo brasileiro-argentino, visível ainda hoje.

URUGUAI

— Contribuiu para manutenção do território uruguaio nos quadros da colonização espanhola e, conseqüentemente, para moldá-lo à feição das comunidades hispano-sul-americanas.

— Contribuiu para o crescimento demográfico e político de Montevidéu, propiciando o contrabando e a influência estrangeira na região.

— Deu uma alta significação militar à região em que se encravou Montevidéu, transformando-a em pomo de discórdia no cenário militar da Bacia do Prata, contribuindo assim, para sua neutralização atual.

— Contribuiu para criar o antagonismo entre Buenos Aires e Montevidéu, transformados em choque militar, durante a luta pela independência.

2. A CONQUISTA E OCUPAÇÃO

a. Cronologia :

1502 — A expedição portuguêsa de Gonçalo Coelho, Cristóvão Jaques, André Gonçalves e Américo Vespúcio chegou ao cabo de Santa Maria e fêz um rápido reconhecimento do rio da Prata, vislumbrando a possibilidade de contornar o nôvo continente pelo Sul.

1506 — Gonçalo Coelho estêve no estuário do Prata, nesse ano, a caminho das Índias.

1513-1514 — Nuno Manoel e Cristóvão de Haro fizeram uma viagem clandestina ao rio da Prata, chegando até a Patagônia, de onde regressaram a Portugal com a notícia de que existia uma passagem, ligando o Atlântico ao Pacífico. Na opinião dêsses navegadores essa passagem era marcada pelo estuário do Prata. Baseado nela, o geógrafo alemão Schoner desenhou um globo, no qual se vê a América do Sul dividida, altura do rio da Prata, por um canal, que põe em comunicação o Atlântico e o Pacífico. Essas notícias influíram na decisão do Rei de Espanha de organizar a viagem de Solis.

1516 — Em face das atividades dos portuguêses, os Reis de Espanha, decidiram organizar uma expedição para se apoderar da passagem para o mar do sul. A expedição foi apresentada com três pequenas embarcações sob o comando de João Dias de Solis com a missão de chegar ao mar Sul e costeando o litoral ocidental do continente atingir Castilla del Oro. Solis partiu de San Lucar com setenta homens, em 8 de outubro de 1515, acompanhado de Dieguez Garcia. Entre janeiro e fevereiro de 1516, entrou no Rio Paraná, que chamou de Santa Maria, verificando que não era uma passagem para o mar do Sul, navegou até uma ilha, que chamou Martin Garcia. Tentou depois desembarcar na costa uruguaia e foi morto pelos índios. A expedição regressou à Espanha, mas em frente à costa de Santa Catarina naufragou uma das caravelas. Alguns tripulantes conseguiram chegar à costa, tendo sido aprisionados pelos portuguêses e outros se internado. Um dêles de nome Aleixo Garcia, realizaria, anos depois, uma viagem ao interior chegando aos contrafortes andinos.

1520 — Fernando de Magalhães, em viagens para a Índia, explorou o rio da Prata e descobriu o estreito de Todos-os-Santos, depois chamado de Magalhães, em sua homenagem.

1521-1526 — Viagens de Aleixo Garcia até os Andes.

1525 — Viagem de Garcia Jofre de Loyasa que devia refazer o roteiro de Magalhães. Chegou ao Pacífico, mas não teve êxito.

1525-1530 — Sebastião Caboto, em julho de 1526, chegou a Pôrto dos Patos. Sabendo por informação de espanhóis, remanescentes da expedição de Solis, da existência de grandes riquezas no interior, resolveu abandonar sua missão de refazer o trajeto de Magalhães, para explorar o rio da Prata. Chegou ao rio da Prata e fundou o pôrto de São Lázaro. Mandou um dos seus subalternos explorar o rio Uruguai e se adentrou pelo Paraná, indo até o Pilcomaio (ou Bermejo). Fundou, na confluência do Carcaranã, com o Paraná, ao norte de Rosário o forte de Espírito Santo, que deixou guarnecido por poucos homens. O Forte foi destruído. Enviou Francisco Cezar para oeste que possìvelmente chegou até Cuzco. Caboto teve porém de regressar à Espanha, em 1530. Alguns dos homens que guarneciam o Forte foram ter à colônia de São Vicente. Foi nomeado Adelantado, depois, destituído dêsse cargo.

1535 — Pedro Mendoza foi nomeado Adelantado, em 1534, com 250 léguas de costa a partir de 25° de latitude, indo de costa a costa. Fundou Buenos Aires, em dois de fevereiro de 1536. Foi até o Forte de Espírito Santo e daí mandou Ayolas para o norte. Em agôsto de 1537, foi fundada Assunção por Juan Salazar. Ayolas tentou ligar-se com o Peru e morreu na mão dos índios. Pedro de Mendoza, dada as dificuldades de saída em Buenos Aires abandonou-a e morreu na viagem de regresso à Espanha. Alonso Cabrera, Comissário-Geral, despovoa Buenos Aires, levando os remanescentes de sua população para Assunção. Buenos Aires durara de 1536-1541. Martin Irala assumiu o govêrno de Assunção de acôrdo com a cédula de 1537 — que permitia aos colonos eleger governador em caso de acefalia.

1540-1544 — O Rei nomeou Alvar Cabeza de Vaca, Adelantado de Assunção. Êste desembarcou em Santa Catarina e mandou reconhecer a região de Buenos Aires, perdendo dois navios. Decidiu-se a ir por terra para Assunção. Saiu de Santa Catarina, em novembro de 1541 e chegou em Assunção em 11 de março de 1542. Assumiu o govêrno e mandou explorar a região ao norte e noroeste do Paraguai. Uma conspiração, encabeçada por Felipe Caceros, o depôs do govêrno, sendo embarcado para a Espanha.

1542 — Tôda a região ficou subordinada ao Vice-Reinado do Peru.

1543 — Diego de Rojas, por ordem do Vice-rei Vaca de Castro, saiu de Cuzco com 200 homens, para reconhecer os territórios ao Oriente da Cordilheira. Cruzou a puna, entrou nos vales povoados pelos diaguitas e calchaquies, chegando à região do Tucumã. Em escaramuça com os índios foi morto, assumindo a chefia da expedição Francisco de Mendoza que a conduziu até a margem do rio Paraná, região do Forte de Espírito Santo. Aí encontrou instruções de Irala para quem quisesse alcançar Assunção. Mendoza tentou fazê-lo mas seus soldados se amotinaram e o mataram. Essa expedição de reconhecimento conhecida

como "a grande entrada", recolheu valiosas informações sôbre as qualidades das terras, atitude e situação dos indígenas, e preparou a conquista e ocupação dessa área. Entre os homens que a integraram estava Juan Garay.

1545 — Vago o govêrno de Assunção, com a deposição de Cabeza de Vaca, Martin Irala foi eleito governador de acôrdo com a cédula de 1537. Seus opositores se sublevaram, mas êle os derrotou e pacificou a região. Restabelecida a ordem dirigiu uma expedição de reconhecimento na direção norte e depois oeste, chegando à região de Charcas, onde tomou conhecimento da luta entre Gonçalo Pizarro e La Gasca, no Peru. Informado da vitória de La Gasca e dos podêres que trazia, enviou junto a êle, Nufrio Chavez, com o pedido para que o reconhecesse como governador. La Gasca não atendeu e determinou-lhe, que regressasse ao Paraguai. Irala voltou a Assunção e teve novamente de enfrentar seus inimigos, vencendo-os mais uma vez. Em 4 de novembro de 1552, o Rei, em atenção aos serviços que prestara, nomeou-o Governador proprietário do rio da Prata. Irala intensificou, então, a conquista e ocupação do território por intermédio de Nufrio Chavez que, em agôsto de 1529, fundaria Nova Assunção e em 26 de fevereiro de 1560, Santa Cruz de La Sierra. Irala se destacou desde os primeiros dias de colonização por suas qualidades de homem empreendedor e de líder. Fundou colônias, implantou o regime de "encomiendas", introduziu na área as sete primeiras cabras e ovelhas e o gado vindo de São Vicente. O Paraguai deve-lhe a conquista e a colonização inicial, e a Argentina sofreu em conseqüência de sua atuação, a evacuação do estuário. Quando morreu, tinha 46 anos de idade dos quais 20 tinham decorrido no Rio da Prata. Tentou repovoar o estuário, mas os Charruas destruíram a pequena povoação que mandou fundar ali. Delegou seus podêres a Gonçalo Mendoza, quando morreu em 1557.

1545 — Descoberta das minas de prata do Potosi.

1549 — Juan Nunez del Prado, por ordem de La Gasca, fundou o povoado de Barco, na região de Tucumã, com o fim de proteger o caminho para o Chile, propagar a religião católica entre os indígenas e apoiar a conquista da região do rio da Prata. Entrou em conflito com Valdívia, que alegava pertencer esta área ao Chile e se retirou para o norte a fim de evitar um choque armado. Fundou, então, outra povoação nos limites de Salta, mas teve de retirar-se mais para o norte, devido à hostilidade dos diaguitas. Em Potosi já havia 2.500 casas e 14.000 habitantes.

1552 — Chegou à região Francisco Aguirre enviado por Valdívia com o encargo de ocupar a região até o mar. Em 1555, expulsou Nunes Del Prado da povoação que fundara, plantando outra nas margens do rio Dulce, que deu origem à atual cidade de Santiago del Estero. Esta povoação se converteria no centro de colonização dessa área: Aguirre pacificou a área, estabeleceu "encomiendas", reconheceu a região até Santa Fé, às margens do Bermejo e de Córdoba. Em 1554 teve

de regressar ao Chile, assolado pela sublevação dos Araucânios. O Rei proibiu novas expedições ao Peru e determinou a busca de ouro. Sedentariava-se a conquista.

1555 — Criação do Bispado de Assunção. Fundações de Ciudad Real por Melgarejo, na confluência dos rios Paraná e Pequiry.

1558-1560 — Para manter a posse da região de Tucumã, os espanos-chilenos fundaram Londres, Córdoba del Calchaqui e Cañete. Eram pequenos redutos, com uma guarnição de 23 homens, cobrindo a base de Santiago del Estero. Assumiu o govêrno de Assunção, Francisco Ortiz Vergara, de acôrdo com a cédula de 1537. Seu ato principal foi a idéia de pedir ao Vice-Rei que tornasse permanente o critério eletivo da cédula de 1537 para prover o cargo de governador do Paraguai. Foi deposto pelos colonos, em 1565, e entregue a Audiência de Charcas para ser processado.

1561 — Em 2 de março foi fundada Mendoza, por Pedro del Castilla.

1563 — Devido aos conflitos que se vinham produzindo na região de Tucumã, entre as audiências de Lima e de Charcas, o Rei por cédula de 1563, decidiu colocar Tucumã sob jurisdição da Audiência de Charcas. Criaram-se, então, o Govêrno de Tucumã e de Moxos dependentes diertamente da Audiência de Charcas. A jurisdição do Chile ficaria restrita a Cuyo. Teve de reprimir fortemente a resistência dos indígenas. Em 1565 mandou fundar São Miguel de Tucumã no mesmo sítio em que se erguera Barco. Posteriormente, Cuyo foi elevado à categoria de Govêrno, dependente do Chile.

1565 — O Vice-Rei do Peru nomeou Juan Ortiz Zarate, adelantado do Rio da Prata, com o compromisso de obter confirmação do Rei e introduzir na região 4.000 cabeças de gado. Zarate partiu para a Espanha e delegou o Govêrno a Felipe de Cáceres.

1571 — Felipe de Cáceres foi deposto e substituído por Martin Suarez de Toledo. Suarez de Toledo retomou o projeto de repovoar o estuário, no qual tinha fracassado Cabeza de Vaca e Irala. Confiou essa tarefa a Juan de Garay, vinculado ao adelantado Ortiz Zarate.

1573 — Jeronimo Luiz de Cabrera, Governador de Tucumã, fundou Córdoba em 6 de julho de 1573, buscando encontrar uma saída para o Atlântico.

Juan Garay desceu o rio Paraguai com 75 "assuceños" para "abrir as portas da terra". Lançou os fundamentos de Santa Fé, mas foi intimidado a abandonar a região, por Luiz Cabrera, que declarou estar a área sob jurisdição do Peru. Garay simulou obedecer, e logo que Cabrera se retirou, fundou a povoação de Santa Fé, em 15 de novembro dêsse ano. Essa fundação marcou nova orientação na ocupação da área e o primeiro passo para o repovoamento do estuário.

1574 — Ortiz Zarate assumiu o Govêrno de Assunção. A Expedição de Zarate compreendia 510 indivíduos entre os quais se encontravam 58 mulheres.

Em janeiro de 1576, morria Zarate, instituindo herdeiro de seus títulos e privilégios sua filha "dona Juana" que devia casar-se com um homem capaz de governar o rio da Prata.

1577 — D. Juana decidiu casar-se com Juan Torres de Vera Aragon, ouvidor da Audiência de Charcas. Êsse casamento se transformou num conflito legal, pois o ouvidor não se podia casar com pessoas sob sua jurisdição. Em conseqüência, Aragon delegou seus podêres a Juan Garay, enquanto esperava que o Conselho das Índias dirimisse a questão.

1578-1583 — Nomeado Tenente Adelantado, Garay retomou o projeto de povoamento do estuário. Com 60 jovens assuceños fundou a cidade de Trinidad tendo como pôrto Santa Maria de Buenos Aires, em 11 de junho de 1580. Distribuída a terra entre seus fundadores e organizado o Cabildo, começou a ter existência legal a cidade de Buenos Aires atual. Em 1581, Garay, depois de sufocar a rebelião, irrompida em Santa Fé, reconheceu a área ao sul de Buenos Aires, chegando até Mar del Prata atual. Foi morto pelos índios em 1583.

1587 — Com o falecimento de D. Juana, o Rei reconheceu Vera Aragon como legítimo adelantado do rio da Prata. Com o apoio de Hernando Arias de Saavedra, genro de Garay, fundou a povoação de San Juan, atualmente capital da Província dêsse mesmo nome. Em 1594, Vera Aragon renunciou ao título de Adelantado, sendo o último do rio da Prata.

1594 — O Vice-Rei do Peru restabeleceu o Govêrno Geral do Rio da Prata sob a jurisdição de Tucumã. Foi o primeiro governador Fernando de Zarate. Êsse foi substituído por Juan Ramirez de Velasco, que morreu deixando o Govêrno acéfalo.

1597 — Foi eleito governador de acôrdo com a cédula de 1537, Hernando Arias de Saavedra, uma das figuras mais prestigiosas da região. Seu govêrno durou até 1599, sendo substituído por Rodrigues de Valdes de La Banda (1599-1600), seguindo-se o govêrno do Francês de Beaumont y Navarra (1600-1602).

1602-1609 — Hernando Arias foi nomeado pelo Rei, Governador do Rio da Prata, sendo o primeiro crioulo que recebia essa mercê. Desenvolveu o comércio com o Brasil; tratou do estabelecimento das missões jesuíticas; mandou expedições à Patagônia. Foi substituído por Diego Martin de Negron (1609).

1614-1618 — Terceiro período de govêrno de Hernando Arias. Foram fatos salientes dêsse período o funcionamento das missões jesuíticas e a divisão do Govêrno de Assunção em dois: Govêrno de Assunção e Buenos Aires.

1617 — Pela cédula real de 16 de dezembro de 1617, ficou consagrada a divisão do território do Rio da Prata em dois governos. O de Guayra ou Paraguai, constituído com Assunção, Guayra e Villa Rica del Espirito Santo e Buenos Aires com as cidades e distritos de Buenos Aires, Santa Fé, Corrientes, Conception del Bermejo. Em 1620 dividiram-se, também, os bispados, coincidindo seus limites com os dos

Governos. A oeste do rio Paraguai o rio Bermejo era limite entre os dois Governos.

1661 — Criou-se em Buenos Aires um Tribunal de Audiência que foi extinto em 1761.

1776 — Criação do Vice-Reinado do Rio da Prata.

1778 — O censo dêsse ano deu a Buenos Aires uma população de 24.000 na cidade e 12.000 na campanha. Os brancos somavam 15.719.

b. Apreciação geral sôbre a conquista e ocupação:

Da cronologia dos fatos principais, ligados à conquista e ocupação da Bacia do Prata, se poderá concluir que:

— Os reconhecimentos do litoral platino foram realizados, entre 1501 e 1520, por portuguêses e espanhóis e visavam a descobrir uma ligação entre o Atlântico e o mar que banhasse as costas ocidentais do continente, descoberto sòmente, em 1513, por Balboa. A prioridade nesses reconhecimentos coube aos portuguêses que, desde muito cedo, tiveram a certeza de que as novas terras descobertas por Colombo constituíam um continente.

— Os reconhecimentos do interior da bacia foram realizados entre 1521 e 1530, por Aleixo Garcia e Sebastião Caboto.

Aguçaram a cobiça dos espanhóis e prepararam a conquista e ocupação da área.

— A conquista da Bacia do Prata foi realizada, entre 1526, data da primeira fundação, de Buenos Aires, e 1580, época em que foi repovoada por elementos espanhóis e hispano-americanos, vindos diretamente da Espanha, os primeiros, do Peru e Chile os segundos.

— A conquista do estuário foi a primeira a ser tentada. Não obteve êxito, em virtude da resistência oposta pelos índios e a atração do ouro do Peru. Os conquistadores penetraram, então, o continente e se estabeleceram no seu interior fundando a primeira base para expansão da conquista: Assunção.

Trinta e nove anos depois do despovoamento da base de apoio, plantada no estuário, os colonos de Assunção a repovoariam e a consolidariam. Contribuiu fundamentalmente para isso, a necessidade de abrir uma saída para escoamento dos produtos da terra.

— A região de Tucumã, começa a ser povoada, por elementos vindos do Peru e depois do Chile em 1549 (fundação de Barca), doze anos depois do início da colonização na área de Assunção. Durante o século XVI desenvolveu-se ràpidamente, fundando-se sete cidades: *Santiago del Estero* (1553 — Francisco Aguirre); *Tucumã* (1565 — Diego de Villareal); *Talavera ou Estoca* (1567 — Juan G. Bazan); *Córdoba* (1573 — J. L. de Cabrera; *Salta* (1582 — Hernando de Lorma); *La Rioja* (1591 — J. Ramirez de Vellarase); *Jujuy* (1591) — Francisco de Argaranaz, foi o núcleo mais importante neste período.

— A região de Cuyo teve seu povoamento iniciado por elementos vindos do Chile, em 1561, doze anos depois do início do povoamento de

Tucumã, tendo fundado três cidades: *Mendoza* (1561 — Pedro del Castillo e Juan Jofre) *San Juan* (1562 — Juan Jofre); *San Luiz* (1594 ou 1596 — Luiz Joffre de Loyasa Y Meneses). Tornou-se, depois, uma província subordinada ao Chile.

— A partir de 1573, se fêz notar nìtidamente o afã com que os núcleos do povoamento, constituídos no interior, buscavam alcançar uma saída para o Atlântico. O de Assunção seguiu o caminho dos rios Paraná - Paraguai e se desdobrou em Santa Fé (1573), e depois em Buenos Aires (1580); o de Tucumã avançou até Córdoba e de lá, às margens do rio Paraná; o do Chile se expandiu para São Luiz, onde sofreu limitações da Coroa.

— Como o Peru era o centro do comércio colonial nessa área, dominada pela Espanha e o pôrto de Buenos Aires não podia comerciar diretamente com a metrópole, coube a Tucumã a primazia do desenvolvimento, no século XVI, apesar de sua posição mediterrânea.

— Como conseqüência dos rumos tomados pela conquista e a ocupação dos territórios, a Bacia do Prata estava dividida no século XVI, em cinco regiões caracterizadas: O *Rio da Prata* da Linha Bermejo-Paraná para o sul, incluindo a Patagônia, dada inicialmente, em concessão a Simon Alcazaba (1534), depois a Francisco de Camargo (1536) e Pedro Sancho de Hoz (1539) e mais tarde subordinada ao Chile; o território de *Tucumã*, compreenderia todo o noroeste da atual Argentina; a área de *Cuyo*, abrangendo Mendoza, San Juan e San Luiz; o território do *Paraguai*, compreendendo Assunção, parte do Chaco e do oeste de Paraná e Santa Catarina; o território de *Moxos*, abrangendo a área de Santa Cruz de La Sierra.

Em resumo se poderá dizer que:

(1) *Bacia do Prata* (menos a área brasileira) foi conquistada, ocupada e teve sua colonização iniciada, entre 1526 e 1596, por três correntes colonizadoras:

(a) *A mais* antiga veio diretamente da Espanha e era constituída, em sua totalidade, por espanhóis. Conquistou, ocupou e colonizou o território entre 25º e 36º de latitude Sul eixado pelo rio Paraná - Paraguai. Atraída inicialmente, pelo ouro do Peru, foi obrigada a partir de 1552, a entregar-se à criação e à agricultura. Duas causas fundamentais influíram na decisão de ocupar e colonizar essa área: a necessidade de barrar o avanço português sôbre a costa oriental do continente, revelado desde 1501 e ameaçado a partir da fundação de São Vicente, em 1532; a chegada de Hernando Pizarro com o quinto da coroa, resultante da coleta realizada nos palácios e nos templos dos Incas. O perigo lusitano e a cobiça dos espanhóis foram pois os móveis que determinaram a colonização dessa área. Neste núcleo, os espanhóis conquistadores encontraram pouca resistência do indígena e os aproveitaram, desde cedo, como mão-de-obra. A falta de mulheres brancas, índole pacífica do guarani, contribuíram para uma miscigenação intensa

entre o branco e o índio, surgindo o mestiço, em muitos casos, de alta linhagem. As dificuldades de vida em Assunção, não estimulavam a vinda de novos brancos de modo que muito cedo o núcleo espanhol foi suplantado pelo mestiço. (Os mancebos de la tierra), fidalgos também, herdeiros dos privilégios de seus pais, mas com outros sentidos de vida social e política. Êsse núcleo comunicaria, inicialmente, seu acento guarani à colonização do litoral. Mas as oportunidades comerciais, os contatos com outros povos, a entrada de imigrantes, eliminaram logo o espírito sonhador e indolente do guarani, o sentido aristocrático de sua vida, substituindo-os pelo espírito mercantilista e democrático das populações costeiras, das quais Buenos Aires seria o polarizador.

(b) *A segunda corrente conquistadora foi um prolongamento da conquista do Peru* e iniciou a ocupação do noroeste argentino. Era constituída de mestiços e espanhóis curtidos na luta contra os indígenas, e nas sangrentas lutas civis, que vinham em busca das minas onde saíra o ouro e a prata que tinham coletado até a exaustão nos palácios e templos incas. Encontravam nesta área tribos indígenas de cultura mais avançada e muito aguerridas. Lutando contra as dificuldades do terreno, que extremavam as distâncias que os separavam de suas bases, lutaram violenta e ferozmente contra o indígena, consolidando a ocupação depois de sacrifícios e trabalhos muito penosos. A própria mestiçagem teve um sentido violento, marcada pela necessidade de dominar, pela fôrça, em vez de aliança, como acontecera em Assunção. Essas circunstâncias desenvolveram nesse núcleo depois de sedentarizados, o espírito belicoso e violento e o desejo de afirmação de sua superioridade aos quais se casou um fundo de automatismo montanhês. O centro de colonização se deslocaria depois para sudeste e se cristalizaria em Córdoba comunicando-lhe os traços psico-sociais que trazia de suas origens: o sentido aristocrático da colonização peruana, o automatismo montanhês; o orgulho de ver dominado a resistência do indígena cuja belicosidade era agravada agora pela contribuição calchaqui.

(c) *A terceira corrente veio do Chile* e ao penetrar em terras do Prata se dividiu em dois ramos. Um dêles tomou a direção de Tucumã e foi se chocar com a corrente que descera do Peru, repelindo-a para o Noroeste. O outro continuou para Este e chegou às margens do rio Paraná, sendo depois mandado recuar para o Oeste, por disposição real. Os conquistadores eram aqui como no Peru, constituídos por mestiços espanhóis em busca de minerais preciosos. Tiveram, às vêzes, de interromper a conquista e a ocupação para atenderem a luta contra o araucânio no Chile. O indígena ofereceu também resistência no lado oriental da Cordilheira, obrigando os conquistadores a desenvolverem esforços ingentes para dominá-los. Os traços psico-sociais dêsse núcleo eram semelhantes aos já assinalados em Tucumã.

(2) *Patagônia*, depois do insucesso das expedições de Simon Alcazaba e Francisco Camargo, uma cédula real de 24 de setembro de 1554, concedeu sua ocupação à Valdívia. Como êsse já tivesse morrido,

ficou subordinada à Província do Chile, até o ano de 1617, quando passou a subordinar-se ao govêrno de Buenos Aires. Sua ocupação seria muito dificultada pela resistência oposta pelos índios, e só se realizaria plenamente nos fins do século XIX e início do século XX. A conquista do rio da Prata contribuiu, fortemente para a criação de dois grupamentos humanos, que teriam a maior influência no desenvolvimento da região: O "arribeño" e o "porteño". O primeiro, descendente dos pesquisadores de ouro transformados depois em agricultores, estavam ligados à terra e aos privilégios que lhes concedera a Coroa. O segundo, em contato com os outros, acrescido com novas levas de imigrantes, tinha suas vistas voltadas para o exterior, assentando suas atividades principais no comércio. Em breve, surgiria um outro grupo destacado do primeiro e assumindo características próprias: o grupamento missioneiro.

3. A INFLUÊNCIA DAS MISSÕES

a. Cronologia :

Foi fundada a Companhia de Jesus por Inácio de Loyola que lhe deu moldes militares.

Chegaram à América espanhola os primeiros jesuítas, em Lima e depois Arequipa.

1607 — Criação da Província Jesuítica do Paraguai, por sugestão de Hernando Arias Saavedra. Seus limites abrangiam tôda a área do que seria mais tarde o Vice-Reinado do Prata (menos o Alto Peru) e se estendia até o Atlântico, abrangendo os Estados atuais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e parte do Paraná, no Brasil.

Em agôsto de 1608 tinham chegado ao Paraguai o jesuíta português Ortiega, o catalão Saloni e o irlandês Fields, vindos da Bahia. Saloni ficou em Assunção e os outros dois foram para Guaíra. Faziam reconhecimentos para instalação das Missões.

1609 — Fundou-se a Redução de Santo Inácio Guaçu entre os rios Tebicuari, Paraguai e Paraná.

1628 — Iniciou-se uma crise entre colonos e jesuítas.

Aquêles, acusaram êstes de aldearem os índios "encomendados" ou de protegerem os que fugiam de suas fazendas, e lhes fazerem concorrência desleal no comércio. As autoridades do Reino e da região se envolveram na questão, mas os jesuítas acabaram triunfando.

1629 — Início da destruição de Guaíra por Raposo Tavares. Sua primeira Bandeira se compunha de 900 brancos e 3.000 índios. Seguiram por terra em várias colunas até o Tibagy, seguindo depois para o Ivahy, apresentando-se de surprêsa em pleno coração de Guaíra.

1631 — Os jesuítas decidiram abandonar Guaíra e se concentraram na confluência dos rios Paranapanema e Paraná, depois foram

para as Missões de Loreto e Santo Inácio. Dos 40.000 índios reduzidos, apenas 12.000 chegaram a essa região, sob a chefia do jesuíta Pedro Dias Tanho.

1632 — Os bandeirantes atacaram as cidades espanholas de Vila Rica, defendida por 4.000 homens (agôsto), obrigando os espanhóis a evacuá-la. Atacaram, também, Ciudad Real e Jerez.

— Nesse ano teve início a penetração das Reduções do Rio Grande do Sul.

— Raposo Tavares foi processado no Rio de Janeiro em conseqüência de seus ataques às reduções e foi absolvido pelo juiz Francisco da Costa Barros.

1633 — *Teve início* a destruição das Reduções de Itatins. Os índios, que escaparam, se reagruparam nas Reduções de Andirapucá e Tepoti. Prosseguiu a fundação de Reduções na Província dos Tapes.

1635 — Desceu à costa, embarcada, uma Bandeira de 200 homens, sob a chefia de Luiz Dias Lemes, apresentando-se no curso inferior do Jacuí. Em julho dêsse ano acampou em pleno coração do Rio Grande.

1636 — Raposo Tavares com 120 mamelucos e 1.500 índios atacou a Redução de Jesus Maria. Levou pânico às Reduções da área e regressou em 1637.

1637 — Os Buenos, os Pretos, os Cunha Gagos, com 260 mamelucos apareceram nas margens de Taquary e atacaram as Reduções de Santa Tereza (1637), São Carlos (1638), Los Apóstolos (1638), Candelária (1638).

1639 — Os jesuítas apoiados pelos espanhóis derrotaram os bandeirantes no combate de Caasapaguassu.

1640 — O padre jesuíta Antonio Ruiz de Montoya alcançou de Felipe IV autorização para armar os indígenas com arma de fogo. Essa permissão foi provisória, dependendo a entrega das armas do Vice-Rei do Peru.

Êste mandou entregar aos jesuítas 300 espingardas com munição correspondente.

1641 — Comandados por Manuel Pires, 400 mamelucos e 2.000 indígenas se dirigiram para o sul, a fim de atacarem as Reduções. Os jesuítas tinham 600 brancos e 4.000 indígenas sob o comando do chefe Inácio Abiaru, armados com cêrca de 300 arcabuzes. Tinham, também, fabricado uma artilharia rudimentar com tubos de bambu, revestidos de cobre, que, embora só pudesse fazer 3 disparos, tinha um efeito moral extraordinário.

Em princípio de março, os paulistas apareceram no rio Uruguai em 130 canoas. Contra elas, lançaram os jesuítas, 70 canos tripuladas por 300 índios. Os bandeirantes foram surpreendidos, mas conseguiram desembarcar. Atacaram o aldeamento indígena a 11 de março (acampamento de Mbororé) e foram derrotados.

Como prova de sua gratidão Felipe IV dispensou os indígenas do Prata de pagarem impostos pelo prazo de 10 anos.

1659 — Tôdas as Reduções de Itatins refluíram para a região ao sul de Tebicuari. Uma cédula real dessa época declarava que treze Missões ficavam sob a jurisdição do Paraguai, sendo oito na sua direita e cinco na esquerda (Candelária, Santana, Loreto, Santo Inácio Nini e Corpus).

1687 — Fundação das Reduções de São Nicolau, São Miguel e São Luiz entre os rios Ijuí e Piratini.

1690 — Fundação da Redução de São Borja.

1691 — Fundação da Redução de São Lourenço.

1699 — Fundação da Redução de São João Batista.

1706 — Fundação da Redução de Santo Ângelo.

1726 — As treze Missões paraguaias foram incorporadas a Buenos Aires, por cédula real.

1750 — Tratado de Madri.

1756 — Guerra Guaranítica. Batalha de Caiboaté. Destruição do poder Militar dos índios das Missões do Rio Grande.

1767 — Os jesuítas foram expulsos da Espanha, mantendo-se essa ordem em segrêdo.

1773 — Extinção da Companhia de Jesus pelo Papa Clemente XI.

1801 — Conquista da região dos Sete Povos das Missões pelos luso-brasileiros.

1803 — A fim de colocar os índios das Missões sob um govêrno inteiramente dedicado aos seus interêsses, a cédula real de 17 de maio dêsse ano, separou as dezessete missões do Govêrno de Buenos Aires e as treze do Govêrno do Paraguai, constituindo com elas uma Província autônoma, tendo como Governador Político e comandante militar o Tenente-Coronel Bernardo de Velazco "com total independência dos Governos de Buenos Aires e Paraguai".

1805 — O Conselho das Índias mostrou a necessidade de reunir as Províncias do Paraguai e das Missões sob o mesmo Govêrno.

Por proposta do Conselho, o Governador das Missões Bernardo Velazco foi nomeado também Governador do Paraguai, recebendo a missão especial de dissolver as "encomiendas", em face da resistência dos colonos paraguaios a essa medida.

1806 — Em 5 de maio dêsse ano, o Governador Velazco foi empossado no Govêrno conjunto das Missões e do Paraguai. Tendo em vista êsses fatos, se verifica que o Paraguai, ao se declarar independente, em 14 de maio de 1811, tinha jurisdição política sôbre os Trinta Povos das Missões, tendo em vista o princípio do Uti Possidetis de 1810, de que o país que se proclamasse independente, "sucedia a jurisdição da autoridade espanhola constituída". Os Trinta Povos das Missões deviam ser incorporados ao território da nova República do Paraguai.

b. Análise da colonização missioneira:

(1) *Localização:*

O Tratado de Tordesilhas repartiu a América do Sul pelos espanhóis e portuguêses, os quais se lançaram à conquista e à colonização do nôvo continente.

Em 1550, os espanhóis tinham plantado um núcleo colonial no Peru, que tinha sua sede política em Lima e estava em franco desenvolvimento, apoiado na abundância do ouro e na mão-de-obra indígena. Atraído pelas riquezas do Peru, começou a se desenvolver outro núcleo no Paraguai que, à falta de ouro, teve de apelar para a agricultura e a criação, a fim de sobreviver.

Os portuguêses tinham um núcleo próspero em Pernambuco, apoiado no valor do açúcar, mas lutavam com dificuldades de mão-de-obra para desenvolvê-lo. No sul, o núcleo de São Vicente se expandira e se desdobrara no núcleo de São Paulo, que lutavam com dificuldades para sobreviver, em virtude da agressividade do índio e das condições ecológicas da região propícia à produção do açúcar. As necessidades de mão-de-obra para os engenhos do Nordeste deram aos paulistas uma atividade econômica, que lhes permitia esperar por melhores dias: apresamento do índio. Resultado, o espanhol no Paraguai se lançou à agricultura pela falta de ouro, mas não dispunha de mão-de-obra suficiente. O índio das regiões vizinhas era agressivo. O paulista, não encontrando ouro de imediato e explorando uma agricultura de pouco rendimento, se lançou ao apresamento do índio como meio de sobreviver.

A Companhia de Jesus foi fundada por um militar com o objetivo de fazer a reforma da Igreja Católica e restituir-lhe o esplendor apagado pela dissidência religiosa de Lutero. Lançou-se, então, à catequese no mundo europeu, espalhando seus padres por onde houvesse incrédulos a converter ao catolicismo, juntamente com outras Ordens, sob a direção da Congregação da Propaganda da Fé.

Os padres jesuítas chegaram à América do Sul com as expedições oficiais de colonização, enviadas pela Espanha e Portugal. No Peru e em São Paulo, entraram em conflito com o colonizador, que precisava do índio como instrumento de trabalho e mercadoria, respectivamente. No Paraguai e no nordeste, onde se necessitava que o índio fôsse sedentarizado e civilizado para ser aproveitado na agricultura, a Companhia de Jesus, adquiriu grande influência. O paulista acabou por expulsar os jesuítas da região de São Vicente, enquanto o nordestino e o paraguaio o acolheram bem, pelo menos no início. O Rei da Espanha, compreendendo quanto o jesuíta lhe poderia ser útil na colonização da Bacia do Prata, criou a Província Jesuítica do Paraguai, com limites tão amplos quanto os do futuro Vice-Reinado do Prata, dando-lhe a missão de catequizar o gentio. Os jesuítas assentaram o núcleo inicial da

colonização entre o Tebicuari, o Paraguai e o Paraná, fundando em 1609 a Redução de Santo Inácio Guaçu. Era a região mais favorável aos trabalhos agrícolas e pastoris e à expansão da colonização.

A expansão do núcleo inicial, condicionada pelas condições geográficas, se fêz na direção do Norte e Nordeste, pois, para o sul havia a faixa pantanosa da Lagoa Iberá e do Aguapey e a nordeste os núcleos prósperos de Assunção e Vila Rica. Seguiu principalmente o curso do Paraguai, já desbravado pelo espanhol, e do Paraná até Salto de Guaíra, donde se desviou para Este, atraído pela grande massa de índios que sabia, por sua experiência paulista, existir na região de Guaíra.

Partindo da área inicial a expansão das Reduções seguiu o curso do Paraguai até o Mbotety (Miranda). Desdobrou-se noutros núcleos da Mesopotâmia, donde se irradiou, remontando o Paraná, até o Salto de Guaíra. Daí se desviou, entrando por terras e pelos afluentes até Paranapanema, e o divisor de águas com o Atlântico. Transpondo o Uruguai entrou pelos seus afluentes da margem esquerda, chegando ao Jacuí depois de ter cruzado o divisor de águas com o Ibicuí.

Em 1630 as Missões compreendiam quatro regiões: *Itatins*, em Mato Grosso; *Guaíra*, no oeste do Estado do Paraná; *Paraná-Uruguai* entre êsses dois rios; *Tapes* a oeste do Uruguai e ao norte do rio Ibicuí.

Os bandeirantes, por sua vez, se tinham expandido para oeste, aproximando-se das Reduções, com as quais entraram em contato amistoso, inicialmente. À medida que os índios livres escasseavam, internando-se no continente, ou se abrigando nas Missões, dificultando a tarefa apresadora do bandeirante, estas prosperavam e cresciam, constituindo-se, assim, num objetivo tentador para êle que já se habituara a não respeitar o jesuíta.

A princípio, com o pretexto de que os índios das Reduções estavam destruindo suas roças, os paulistas ensaiaram pequenos ataques. Depois passaram à luta aberta, organizando verdadeiras emprêsas militares, que destruíram as Reduções de Guaíra, lançando entre 1630 e 1632 os jesuítas para sua base inicial no Tebicuari. Outras expedições talaram o vale do Jacuí levando o jesuíta a abandonar a área de Tapes e se refugiar na margem do rio Uruguai.

A defesa do índio residiu sempre no seu nomadismo, na sua dispersão, na capacidade de viver sem sedentarizar-se. A Redução, sedentarizando-o, dando-lhe hábitos de trabalhos estáveis, vida associativa, neutralizou sua capacidade defensiva o fêz fácil prêsa do bandeirante. Compreendendo êsse fato, o jesuíta passou a ministrar-lhe instrução militar, a fortificar a Redução, a organizá-la militarmente.

Daí, à vitória de Mbororé que marcou o início de uma pausa nestes conflitos, entre os bandeirantes e o índio das Missões, e preparou outra entre o jesuíta e o espanhol e portuguêses, agora aliados numa tentativa de definir os limites de suas possessões. A luta entre bandeirantes

e os jesuítas era entre particulares, a que se avizinhava seria contra os interêsses das duas potências colonizadoras. Depois de Mbororé, o bandeirante descobriu o ouro e os seus movimentos se deslocaram para o Norte e Noroeste, consolidando a tranqüilidade que os jesuítas passaram a desfrutar. As missões entraram assim, numa nova fase de prosperidade e expansão. Entre 1687 e 1706 os jesuítas transpuseram novamente o Rio Uruguai e fundaram os Sete Povos de São Nicolau, São Miguel, São Luiz, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo, marcando esta o limite de seus avanços para Este.

Por êsse tempo se reacendera a luta entre os espanhóis e portuguêses na América, com a disputa em tôrno da Colônia do Sacramento, fundada em 1680. As Missões se situavam entre a base portuguêsa de Laguna e o pôsto avançado da Colônia, constituindo-se seus aldeamentos fonte de recrutamento das fôrças espanholas, que atacavam a Colônia do Sacramento. Para garantir o território ao sul de Laguna, os portuguêses intensificaram o povoamento, que se processou em dois ciclos: o do *Tropeiro*, abrangendo a Etapa de Laguna, de caráter nômade e com base na invernada, até 1732, e a etapa de *Viamão*, caracterizada pela estância e a sesmaria, fixando o homem à terra; o *cillo dos Dragões*, que engloba as lutas nessa região, de que resultaram inúmeros estabelecimentos militares. As Missões, no flanco das rotas terrestres para a Colônia e fonte de recrutamento para o espanhol, eram necessárias ao domínio português.

O Tratado de Madri importou na revogação do de Tordesilhas e na transferência das populações indígenas para a mesopotâmia. Resultou na Guerra Guaranítica, insuflada pelos jesuítas, e possível pelo adestramento militar que os índios tinham adquirido.

A expulsão dos Jesuítas interrompeu o trabalho que vinham desenvolvendo na América do Sul, sem terem alcançado todos os seus objetivos. Os índios privados da direção dêstes chefes, a que tinham se habituado a obedecer, ficaram desorientados, prontos a aceitarem a chefia do primeiro que se lhes apresentasse, fôsse estrangeiro ou simples aventureiro. Desenvolveram e consolidaram assim, o prestígio e poder militar de Caudilho.

O ciclo da arriada, ou do apresamento de gado, acabou por fomentar novas lutas militares que terminaram pelo Tratado de Badajoz (1801), deixando o fermento de "Uti-possidetis solis", e de"Uti-possidetis jure". A incorporação das Missões ao Paraguai, em 1806, ensejariam a questão de fronteira entre a Argentina e o Paraguai, que só teria solução depois da guerra de 1864-1870.

(2) *A organização e o regime de vida:*

Para catequizar os índios, o jesuíta devia reuni-los, depois dar-lhes uma atividade econômica que o sedentarizasse, mantendo-os presos ao solo. A base de catequeses, era, pois, a agricultura, depois o pastoreio,

onde os indígenas encontravam gêneros de vida mais compatível com sua psicologia social. Nasceram assim as Reduções, as Doutrinas, os Povos, em que, sob a severa disciplina religiosa e de trabalho, foram aldeados os índios, que conseguiram atrair. Materialmente, a Redução consistia na capela, na Escola lateral e Armazém, onde se guardavam os produtos resultantes das colheitas. Em tôrno dessas edificações básicas se desenvolvia as habitações indígenas.

Pollticamente havia um superior da Província, residente em Candelária. Em cada Redução havia dois padres; um com podêres espirituais e outro com atribuições temporais. Cada povo tinha um alcaide, um corregedor, um chefe de polícia e regedores, índios, formando uma espécie de Cabildo que executava as ordens do chefe Temporal. A produção era recolhida ao Armazém Coletor. O Padre repartia-a, depois, de acôrdo com as necessidades de alimentação e vestuário. As sobras eram vendidas, ou exportadas, através do Pôrto de Buenos Aires. Com êsse dinheiro se compravam instrumentos agrícolas e outras utilidades que a Redução não produzia. Um intenso comércio foi estabelecido entre as Reduções do Chile, do Peru e do Paraguai.

Militarmente a Redução era um pôsto fortificado, armado pelo receio do espanhol que teve suas povoações, também, atacadas pelos Bandeirantes e se valeram dos índios, aldeados pelo jesuíta, para se defenderem.

Socialmente a Redução não tinha contato nem mesmo com os índios ainda não submetidos. Indígenas foram aproveitados como motivação, para trabalhos de catequização. O regime da vida comunitário, sob estreita disciplina espiritual e temporal, aliado a êsse isolamento, predispunha o índio à servidão, ao isolamento, à desconfiança.

c. Conclusões :

— A influência das Missões Jesuítas se fêz sentir:

(1) *Na formação brasileira* (parte platina).

— Desbravando, inicialmente, os territórios do Rio Grande do Sul, oeste paranaense e catarinense e do Centro-oeste brasileiro partindo do interior para a costa.

— Oferecendo estímulo econômico à expansão bandeirante para Oeste e Sudoeste, permitindo-lhe fazer por anos a fio a pesquisa dos metais preciosos, aperfeiçoar a organização e adestramento da Bandeira, fornecer mão-de-obra à cultura canavieira do Nordeste e criar a Zona fronteiriça entre os domínios portuguêses e espanhóis na América do Sul, muito além da linha demarcada em Tordesilhas.

— Oferecendo estímulo econômico à colonização do interior do Rio Grande do Sul contribuindo para formação de suas populações, imprimindo-lhes uma feição pastoril, em oposição às características agrícolas e militares, das que se fixaram no litoral.

— Servindo de trunfo para o jôgo diplomático que deu o contôrno territorial do Brasil, em 1750, deixando os elementos de atrito que contribuíram para o desencadeamento das guerras sustentadas pelo império.

(2) *Na formação do Uruguai:*

— Contribuíram indiretamente, pela catequização do indígena, para o povoamento do Uruguai.

— Forneceu os soldados que, inicialmente, permitiram os espanhóis repelirem o português da margem norte do Rio da Prata.

— Oferecendo estímulo econômico para colonização permanente do Uruguai, imprimindo às populações do interior a feição caudilhesca que tanto contribuiu para sua independência.

— Servindo de trunfo para as negociações diplomáticas de que resultou a fixação da fronteira entre o Brasil e o Uruguai, e entre êste e Argentina.

(3) *Na formação da Argentina:*

— Contribuindo diretamente, para povoamento da região entre rios Paraná e Uruguai e, indiretamente, pela catequização do indígena, para as de Entre-Rios e Santa Fé.

— Contribuindo para o desenvolvimento da criação do gado, base econômica em que se assentou a vida interior do Vice-Reinado.

— Fornecendo soldados para as lutas que Buenos Aires teve de sustentar em tôrno da Colônia do Sacramento, exacerbando o antagonismo entre portuguêses e espanhóis, e ensejando o nascimento da rivalidade entre Argentina e Brasil.

— Contribuindo para a definição do contôrno territorial da República Argentina, criando os elementos de atrito, que perturbariam suas relações com o Paraguai e o Brasil.

(4) *Na formação do Paraguai:*

— Contribuindo diretamente, para o povoamento do território paraguaio a este do rio Paraguai, e a noroeste, imprimindo às suas populações características humanas, sociais e econômicas, que condicionaram fortemente sua existência como estado independente.

— Contribuindo para a formação de uma área de litígio territorial entre o Brasil e o Paraguai, que foram causa do choque armado entre essas Nações.

— Criando também, zonas de litígio territorial entre o Paraguai e a Argentina, entre aquêles e a Bolívia, que foram causa de choques entre essas Nações.

4. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA COLONIAL

No quadro geral, do sistema Colonial Espanhol, o Vice-Reinado do Rio da Prata foi criado em 1776 e constituído, permanentemente em 27 de outubro de 1777, com designação do Vice-Rei Juan José Vestiz Y Salcedo. Compuseram então, o nôvo Vice-Reinado: O Govêrno de Montevidéu, criado em 1751; o Govêrno de Buenos Aires, criado em 1617; o Govêrno de Assunção, criado em 1617; o Govêrno de Tucumã, criado em 1563; o Govêrno de Chiquitos; a Presidência de Charcas, desmembrada do Vice-Reinado do Peru, e compreendendo as províncias de Chuquisaca (antiga charcas), de Patos, de La Paz e o Arcebispado de La Plata; a província de Cuyo, desligada do Chile. O território do Vice-Reinado se estendia do Pacífico entre o Vulcão Ollagua e o limite norte do Deserto de Atacana, até o Atlântico Sul.

Apontam-se como causas da criação do Vice-Reinado do Prata atuando internamente: o melhor conhecimento da geografia da região (geográfica); a grande extensão territorial do Vice-Reinado do Peru e a multiplicidade de organismos políticos, militares e fazendeiros que dêle dependiam (político-geográfica); importância adquirida por Buenos Aires e sua posição privilegiada (geográfico-econômica); dificuldades de comunicações de Buenos Aires e Assunção com o Peru. Atuando externamente: Pressão portuguêsa na fronteira Este, particularmente no Sudeste (político-militar); questões de limites entre espanhóis e portuguêses; crescimento social e econômico de Buenos Aires, exigindo medidas mais eficientes para sua defesa; ameaças francesas e inglêsas na ocupação das Ilhas Malvinas (política). Em 1778, se criaram em Buenos Aires a Intendência do Exército e a Fazenda Real, e, logo em seguida a Aduana. Em 1783 se instituía a Audiência e se criaram oito Intendências a saber:

— Intendência de Buenos Aires

— Intendência de Assunção, no Paraguai

— Intendência de Salta, compreendendo Tucumã, Santiago Del Estero, Catamarca e Jujuy

— Intendência de Córdoba, compreendendo Córdoba, São João, Mendoza e La Rioja

— Intendência de Cochabamba

— Intendência de La Plata e

— Intendência de Patos

e mais os governos subordinados de Montevidéu, Moxos e Chiquitos. Havia, ainda, uma Superintendência Geral com sede em Buenos Aires, logo suprimida, porque suas atribuições se chocavam com as de Vice-Rei.

O Govêrno de Vertiz foi marcado, pela luta com os portuguêses e pelas suas preocupações intelectuais. A êle sucedeu D. Nicolau Del

Campo, que se fêz notado pelo fomento à pecuária e às atividades derivadas.

Em 1794, se fundou o consulado em Buenos Aires. Era uma instituição espanhola da época medieval, conhecida como "Universidade dos Mercadores". Reunia fazendeiros, comerciantes, armadores, cambistas, que discutiam em comum, interêsses econômicos e comerciais. O consulado evoluiu ràpidamente, num sentido liberal, e influiu consideràvelmente no processo histórico, que conduziu à independência dos povos platinos, devido às lutas, que teve de sustentar, para obter a liberdade de comércio.

A organização político-administrativa do Vice-Reinado do Rio da Prata favorecia a formação, na Bacia do Prata, de uma grande nação, uma vez que existia ali unidade de crença e de culto religioso; uma língua oficial, que se transformou em veículo de idéias políticas comuns; unidade de govêrno e de legislação comercial e penal; unidade judiciária e fiscal. A sede do Vice-Reinado pela sua posição geográfica, desenvolvimento econômico e social exercia grande atração sôbre as povoações e cidades do interior, havendo mesmo a presença de um inimigo tradicional, aconselhando e sugerindo a necessidade da união de esforços para mantê-lo à distância tranqüilizadora.

No entanto, nessa Unidade, que parecia tão sólida, fervilhavam alguns fatôres de divisão e desagregação. O primeiro dêles era a imensidade das distâncias, que a falta de transporte extremava. Os platinos, apesar de disporem de grandes vias fluviais navegáveis, não as aproveitavam, convenientemente, sendo muito poucas e de pequena capacidade de transporte as embarcações que subiam os rios da Bacia do Prata. O transporte era quase totalmente feito, por terra, em grandes comboios de carretas, puxadas por bois, percorrendo 2 km por hora.

Em conseqüência, para se ir de Rosário a Tucumã, gastavam-se 30 dias. De outro lado, a organização colonial, embora se apoiasse nas imposições da geografia física, procurando mesmo por meio das Intendências conciliar as divergências locais, não teve tempo para neutralizar as diferenças humanas e sociais existentes entre as populações, que ali habitavam.

O Castelhano, como língua oficial, estabeleceu certos limites culturais mas não pôde se sobrepor às centenas de línguas e dialetos que se falavam na região. A obra dos missionários, se bem que fecunda, foi paralisada pelo decreto de expulsão dos jesuítas, sem ter colhido todos os frutos, que dela se podia esperar. As diferenças de hábitos, costumes e modo de vida eram também grandes. No estuário, havia nas cidades grande número de comerciantes prósperos e nas suas proximidades grandes fazendeiros, vivendo com o fausto de grão-Senhores. No interior uma população constituída de índios, de espanhóis e "criollos", fugidos da justiça, vivendo livres de tôda sujeição, tendo como atributos maiores de suas personalidades a rebeldia e a coragem. De

um lado e de outro do rio Paraguai, fechado com seu isolamento tradicional e cultivando a tradição de ter sido a sede do Govêrno e o núcleo irradiador da colonização, outros agrupamentos humanos conservaram seus hábitos e costumes, eriçados, num nacionalismo desconfiado e agressivo. E próximo, no sul e no oeste, estava o inimigo português, procurando dilatar seus domínios. Infiltrava-se lenta, mas seguramente, explorando as diferenças locais, pela ação diplomática ou pela pressão violenta da guerra.

Vê-se, assim, que no Rio da Prata, como aliás em tôda a América Espanhola, a Unidade de Govêrno colonial não conseguiria ainda superar as divergências regionais, inscritas na sua Geografia humana e maduras para arrebentar em divisões irremediáveis.

5. A ECONOMIA

A economia da América Espanhola, teve de lutar sempre contra a expansão da metrópole, exercida no monopólio comercial que se estendeu de 1581 a 1778. Êsse regime espoliador decorria de duas causas fundamentais: A 1ª, de seu uso corrente na Europa, e conseqüente aceitação por todos os Estados interessados, sob a forma de pacto colonial. A 2ª, decorrente da ação dos piratas flibusteiros que impunha a assistência mútua entre as grandes potências para enfrentá-la. De acôrdo com êsse sistema, as colônias não podiam comerciar entre si, devendo cada uma delas fazer o seu comércio com a Metrópole da qual recebiam, por preços exorbitantes, o que necessitavam, em épocas e locais determinados. Êsse sistema vigorou de 1543 (organização do regime de navegação guardada) até 1720 (regulamento para os galeões e frotas e navios de registro e avisos). Abriu-se, então, o mar do Sul ao comércio direto com a Metrópole. O pôrto de Sevilha na embocadura do Rio Guadalquevir, recebeu o privilégio exclusivo de comerciar com a América. Dêle saía, em abril, uma frota que se dirigia a Vera Cruz, onde se reuniam os comerciantes de Nova Espanha. Depois ia a Havana onde devia aguardar a Frota de Galeões, da Armada Real, que a escoltaria na viagem de volta à Europa. A Frota de Galeões saía de Sevilha, em agôsto, ia a Cartagena onde se realizava uma grande feira com os comerciantes da Venezuela e Nova Granada; daí ia a Pôrto Belo, onde tinha lugar uma feira de 40 dias com os comerciantes vindos do Peru, do Chile e do Prata. Depois, a Frota ia a Havana onde se reunia à 1ª retornando ambas a Sevilha, depois de uma viagem que durava mais de um ano. Havia ainda a Frota do Pacífico, que recebia os artigos importados em Panamá e os trazia a Callao, onde eram redistribuídos para outros Portos dêste Oceano e o Prata. Em 1717, tendo crescido a tonelagem dos navios e conseqüentemente os calados respectivos, o Pôrto de Cadiz, na Barra de San Lucar, passou também a comerciar com a América e, 1765 outros portos da Espanha, como o de Alicante, Málaga, Barcelona, foram beneficiados com essa medida. Na

América, alargou-se também a área dos portos de destino, incluindo-se nela Cuba, São Domingos, Pôrto Rico, Margarida e Trinidad. Êsse último ato, preparou o de 1778, pelo qual Carlos III liberou o comércio da Espanha com a América, baixando, o Regulamento e as disposições para o comércio com as Índias. Em 1797, uma ordem Real, concedeu autorização para o comércio de navios neutros. Em conseqüência dêsse sistema as populações do Prata, comerciaram de início com a Espanha por intermédio do Vice-Reinado do Peru, o que era verdadeiramente um absurdo. Êsse sistema começou a ser alterado em 1720, com o Regime de navios de livre registro, que permitiu a barcos mercantes determinados entrarem no Pôrto de Buenos Aires para comerciarem com o Chile e Charcas. Apesar dos protestos do Peru, êsse regime persistiu, dando considerável impulso, a partir de 1777, às atividades econômicas do Vice-Reinado, que entrou num período de grande prosperidade. Em 1778, o pôrto de Buenos Aires foi autorizado a comerciar com a Metrópole, com resultados extraordinários. Entre 1792 e 1796, conheceu um período de grande prosperidade.

O rompimento de relações entre a Espanha e a Inglaterra, em 1797, paralisou completamente a navegação espanhola para as colônias. Estas entraram em contato com outros países, ampliando assim o campo de suas relações comerciais e vitalizando o espírito liberal, que lentamente se vinha formando. Logo depois se sucederam os dias difíceis dando lugar à luta no Consulado de Buenos Aires entre as autoridades Metropolitanas e fazendeiras, representados por Mariano Moreno de que resultou, afinal, a liberdade total do Comércio colonial. No que se refere à produção, a economia da bacia do Prata girou ao longo do eixo Paraná - Paraguai e teve inicialmente seus pilares na pecuária e na agricultura. Quando da chegada dos espanhóis, os índios da região já cultivavam o milho, e tinham domesticado a "lhama" de cuja lã, faziam tecidos. A pecuária foi, inicialmente, a maior riqueza do Prata, graças ao valor comercial do couro. Segundo informa Urien, foi o português Cipriano de Góis o primeiro a introduzir o gado na região, levando a Assunção, 7 vacas e 1 touro. Em 1569, o gado foi profusamente distribuído pelas províncias de Buenos Aires, Santa Fé, Corrientes e Paraguai, graças às cabeças trazidas do Peru, por Cáceres, de ordem do "adelantado" Ortiz Zarate. As ovelhas foram trazidas por Juan Garay, em 1580, quando do repovoamento de Buenos Aires.

Os cavalos, foram introduzidos por Pedro de Mendonza, em 1536, e, em 1572, entraram mais, no Prata, 72 cavalos e éguas. Encontrando campos amplos e ricas pastagens, os animais se multiplicaram, de um lado e outro do Paraná - Paraguai, até atingirem as encostas ocidentais do Maciço Brasileiro. Mas a matança de gado, para aproveitamento exclusivo do couro, se tornou tão grande, que os rebanhos correram o risco de se esgotarem, obrigando o Cabildo de Buenos Aires a intervir para regulamentá-la. O aproveitamento da carne foi iniciado com a criação do Vice-Reinado, e teve o grande impulso no Govêrno de D. Nicolau Del Campo.

A agricultura colonial não chegou a ter a mesma importância da riqueza pastoril, mas foi também importante e compreendia quase tôdas as culturas Européias, da época.

O trigo parece ter sido introduzido por Pedro de Mendonza, que na viagem de 1535, trouxe algumas mudas da Europa, bem como de cevada e aveia. Na região Norte, deve-se a introdução dessa cultura a Herman Mejia, que a trouxe do Chile, em 1556. Encontrando terrenos propícios, essas culturas estenderam-se ràpidamente de um lado e outro do Rio Paraná, até Santa Fé. A cultura do trigo sofreu muitos embaraços, devido tanto às leis restritivas da Metrópole, que não permitia o comércio livre dêsse produto, como a ação do Cabildo que, a título de evitar o encarecimento do pão, impedia sua exportação. Sòmente em 1778, se concederam as primeiras licenças para a exportação do trigo para a Metrópole, logo cancelada em virtude da falência dos concessionários. No século XIX, foi permitido o livre cultivo do trigo, que como cultura passou ao primeiro lugar èm importância.

A cana-de-açúcar e o arroz, foram levados do Brasil para Assunção, logo depois da fundação dessa localidade e se aclimataram, ràpidamente, nas margens do Paraguai até a embocadura do Pilcomaio.

O algodão foi trazido do Chile por Mejia e Mirayal e já, em 1580 era cultivado no Paraguai. A Coca era cultura comum ao Paraguai, Bolívia e Argentina, bem como a erva-mate, que se estendeu também pelo Oeste-brasileiro.

A falta da riqueza mineral, na Bacia do Prata, imprimiu à Colonização dessa Região uma feição especial, pois desde seu início os colonizadores para sobreviverem, foram obrigados a pedir à terra os meios de sustento. A mão-de-obra era dificultada pela rebeldia do índio e as condições de clima não favoreciam a utilização do braço negro. Dêsse modo, os colonizadores, fixaram-se e, trabalharam, criando uma sociedade de estancieiros, agarrados à propriedade do solo batendo-se pela valorização dos produtos da terra. A pecuária, que exigia menos trabalho, teve então a preferência.

A indústria, na Bacia do Prata, dadas as restrições impostas pela Metrópole, era rudimentar. Começou a se desenvolver com a decadência da Indústria Metropolitana. Limitava-se à tecelagem, próspera em Córdoba, Catamarca e Cochabamba; construção de embarcações, com as madeiras do Paraguai e de Corrientes; os cortumes para beneficiamento do couro. Os minerais eram escassos, sendo de notar apenas as minas de prata do Potosi.

A moeda usual eram os produtos da terra, que serviam de instrumentos de troca e medidas de todos os valores. No Paraguai, por exemplo a erva-mate e o tabaco, eram usados como moeda. As moedas metálicas, que circularam na América, foram as que tinham curso na Espanha; o dobrão, escudo, o pêso, o real e o maravedi de prata.

Os impostos, se classificavam, segundo Ricardo Lovene, em três categorias: o da Fazenda Real, que se destinava a pagar os Soldados da Administração Política, militar e eclesiástica, como as décimas de prata, vendas de terras, etc. Os de 2ª categoria, que tinham aplicação diversa, e especiais, como pensões eclesiásticas, rendas de cargos vacantes, etc. Os de 3ª categoria compreendendo os que dispunham as Cidades para satisfazerem seus gastos ordinários, no pagamento de soldos dos Oficiais de Justiça, dos Escrivães, etc. Essas rendas, a princípio diminutas, cresceram notàvelmente com o aumento das populações das cidades e se constituíram mesmo em base econômica da autonomia política de algumas delas, como Buenos Aires.

Entre os anos de 1792 e 1796, de grande prosperidade, o Vice-Reinado do Rio da Prata, contribuiu para todos os ramos da Fazenda Real, com mais de 20 milhões de pesos mas nos seus primeiros anos de existência, não foi a mais de 600 mil pesos, cêrca de 0,7% da renda de tôda a América.

As restrições à produção, a falta de minerais, os pesados tributos, pagos à Fazenda Real, o isolamento em que foram mantidas as províncias, serviram para desenvolver o comércio interprovíncias.

A liberdade do Comércio, deu grande desenvolvimento ao Pôrto de Buenos Aires, saída forçada da produção de uma vasta região e porta de entrada de todos os produtos que ela consumia. O Paraguai, o Sul da Bolívia, o Centro Oeste do Brasil, viviam comercialmente subordinados à Argentina. O Uruguai e o Sul do Brasil podiam viver sem a Argentina, mas não contra ela, isto é, podiam prescindir de seu mercado, mas não podiam com êle competir.

6. A SOCIEDADE PLATINA

No Vice-Reinado do Rio da Prata, os "Criollos", e os "Mestiços" constituíam a imensa maioria da população, no início do Século XIX. A vida social se concentrava nas cidades e nas povoações onde viviam os funcionários, comerciantes, um grande número de escravos domésticos e de mestiços exercendo as mais variadas funções. Nas cidades, havia leis, meios de instrução, organização municipal, idéias de progresso. Algumas, como Buenos Aires e Córdoba, lançaram, para o interior, certo número de povoações satélites, que prolongavam suas influências sôbre êle. Mas, de modo geral, a poucos quilômetros das cidades, tudo mudava de aspecto. Os hábitos, os costumes, as necessidades, os próprios trajes, de homens e mulheres, eram diferentes. Era como se outro mundo começasse na vastidão deserta das campinas, que se estendiam sem fim. Aí era o domínio do estancieiro, do grande proprietário de terras, que gozava do direito da "encomienda" sôbre os índios que a habitavam.

Entre uma estância e outra, medeavam distâncias enormes, onde vagava, o gado sem dono (gado do Rei). Ao serviço do estancieiro,

havia grande número de empregados, que percorriam os campos, mediante autorização (vaqueria), em busca dos rebanhos selvagens. O couro era o que lhes interessava. Matava um boi por refeição e por homem para dêle tirar-se a pele, a carne ficava apodrecendo ao sol, enchendo o campo de maus odores.

Às vêzes, êsses homens escoltavam as caravanas de carretas que se dirigiam a Buenos Aires para protegê-las contra ataques inopinados dos índios e dos "Gaúchos Malos", um tipo de bandido singular capaz das maiores torpezas e dos mais elevados gestos de dignidade.

O Chefe dessas caravanas tinha o título de Capataz, e apoiava sua autoridade num poder sem limites e no terror que inspirava. Nesse ambiente, foi-se desenvolvendo na região do estuário do Rio da Prata e na Mesopotâmia, o predomínio da fôrça bruta, a predominância do mais forte, a autoridade sem limite e sem responsabilidade, a Justiça sumária, sem forra e sem debates, era a escola, em que foi formado o caudilho Platino, que constituiu no cenário da formação dos povos do prata, uma fôrça insubmissa, selvagem e desgovernada, com uma ética própria e atitudes imprevisíveis. Mas o homem da cidade e o homem do campo não eram apenas diferentes; foram sobretudo antagônicos. Desprezavam-se e combatiam-se mùtuamente. E dos choques havidos entre êles, resultariam dificuldades imensas na organização política dos novos práticos e os traços fundamentais de sua paisagem humana.

A vida intelectual no Vice-Reinado do Rio da Prata, por volta de 1800, era apreciável; o ensino primário, que começou a ser ministrado pelas Ordens Religiosas, se tinha desenvolvido através da "Escola do Rei" e das "Escolas Municipais". Em Buenos Aires, Córdoba e outras cidades importantes, se ministrava o ensino secundário. O ensino superior se concentrou durante muito tempo, na Universidade de Córdoba, fundada em 1614, e depois na de Charcas, criada um século mais tarde, onde se ministravam cursos de direito na Academia. Daí se difundiu para todo o Vice-Reinado o liberalismo político e filosófico mais importante do Vice-Reinado.

A imprensa apareceu nas Missões Jesuíticas do Paraguai, onde se imprimiram livros didáticos. O jornalismo se iniciou na primeira década do Século XIX, contribuindo poderosamente para ampliar o debate das idéias políticas e econômicas em voga, no Vice-Reinado.

Ao se iniciar o Século XIX, as populações do Vice-Reinado, particularmente aquelas vinculadas ao Estuário, tinham atingido um notável grau de desenvolvimento político, social e econômico. O descontentamento, de determinados setores, da população, uns com os outros, era grande e de todos, com a metrópole muito maior particularmente, devido às restrições econômicas que obrigavam os habitantes da região pagarem um preço muito caro pelo direito à vida.

Todo processo histórico, que remontava à fase da conquista, estava prestes a rebentar numa crise geral.

A tentativa da Inglaterra, em 1806 e 1807, para apoderar-se de Buenos Aires, completou-o pois, o povo adquiriu, na luta vitoriosa contra os invasores, a consciência de sua capacidade. Vencera os inglêses, poderosos pelo número e pela disciplina. Por que não poderiam vencer também os Espanhóis? Em conseqüência os "Criollos" capitaneados por Liniers se organizaram em partidos, tendo como apoio militar a fôrça do povo em armas e objetivos a emancipação total.

7. UNITARISMO E FEDERALISMO PLATINOS

a. Análise sintética :

O Federalismo e Unitarismo, como tendências políticas das populações argentinas, tiveram suas origens no período Colonial e importância considerável na formação e evolução dos atuais estados e da Bacia do Prata.

O Federalismo foi durante êsse período mais um fato social, de que político, enquanto o Unitarismo foi mais uma imposição política do que uma realidade social. Sòmente após a Revolução de 1810, o Federalismo Platino adquiriu conteúdo político que entraria em choque com o Unitarismo, que visava preservar os quadros políticos metropolitanos, em benefício da elite burguesa de Buenos Aires, arvorada em sucessora da Coroa Espanhola.

(1) *São antecedentes das duas tendências políticas :*

(a) *Unitarismo :*

A origem comum, a língua, a religião, a unidade política, administrativa, fiscal, tendo como centro executivo e fiscalizador, Buenos Aires.

A atração natural de Buenos Aires, decorrente do poder aglutinador de sua posição e localização geográficas.

A liderança política, demográfica, econômica e social de Buenos Aires, privilegiada pelos favores da Metrópole e exercida sem descontinuidade durante mais de dois séculos.

(b) *Federalismo :*

As regiões naturais existentes nos quadros da Unidade geográfica propiciando gêneros de vida, atividades econômicas e hábitos sociais diferentes.

As distâncias que separavam os diferentes núcleos de povoamento favorecendo o aparecimento de comunidades naturais marcadas por costumes, hábitos e interêsses divergentes e mais ou menos isolados uma das outras.

A tradição autonomista dos Cabildos, ampliada e revigorada mais tarde nos amplos podêres administrativos, concedidos aos Governos e às Intendências.

A dualidade do sistema judiciário estruturado nas Audiências de Charcas e de Buenos Aires.

As diferentes comunidades naturais surgidas na Bacia do Prata, resultantes das condições geográficas, do despovoamento, da colonização, dos interêsses econômicos, separadas por ressentimentos e aspirações diversas.

O Caudilho como expressão social da comunidade pastoril caracterizado por seu culto à fôrça e o desprêzo das injunções legais, seu individualismo, sem educação política e cultural e orientado por interêsses locais e imediatos, apoiados em vivo sentimento de liberdade.

(2) *Apreciação:*

Essas tendências políticas vagas e imprecisas (tendo em vista o sentido nacionalista) ganharia conteúdo político definido após a Revolução de 1810, em função de tradições e contingências históricas:

— Buenos Aires, por seu poder econômico e militar, sua tradição de liderança política, sentia-se capacitada para exercer o direito de dirigir as demais províncias e impor-lhes uma forma de govêrno, em proveito próprio. Tenderia para absorver a vida política do interior, como absorvera a vida econômica e se chocaria com comunidades apegadas à terra, ciosas de suas autonomias e trabalhadas por um vivo sentimento de liberdade.

— As populações do interior que tinham sofrido a liderança econômica e política de Buenos Aires, e que atribuíam, mais aos privilégios concedidos pela Metrópole, do que à sua própria capacidade para crescer, sentiram que chegara o momento de se libertarem. Nos quadros territoriais e sociais de diferentes regiões, constituíram Governos, autônomos uns, outros impostos pela fôrça. Para sustentarem êsses governos se apoiaram na fôrça militar dos Caudilhos e mais tarde nas alianças de uns com os outros. Era a necessidade de sobrepujarem em poder militar, Buenos Aires, e que conduzia essas comunidades, tão diferenciadas entre si, a se aliarem, dando, assim, um conteúdo político às suas aspirações de liberdade. O Federalismo tornar-se-ia ativo e acabaria se impondo em 1853.

— Resistiriam assim aos desígnios imperialistas de Buenos Aires cuja elite, em desespêro de causa, pensaria até em uma solução monárquica, o que foi causa imediata da rebelião dos caudilhos e do período de anarquia que se abriu na vida pública das Províncias Unidas.

b. O Federalismo e Unitarismo das populações argentinas tendo em vista a formação e evolução dos atuais Estados Platinos:

(1) Contribuíram para a fragmentação do Vice-Reinado do Prata do que resultou o território da atual República Argentina, muito menor

do que o abrangido por aquêle, de que Buenos Aires era sede, ou seja Vice-Reinado do Prata.

Criou as condições que favoreceram o deflagrar da luta política que durante quarenta anos, impediu a plena organização política da República Argentina e seu completo desenvolvimento econômico-social.

Contribuiu para os antagonismos que ainda hoje trabalham a vida internacional da Bacia do Prata, expressos nas tendências homogenicais da Argentina, nas questões de limites, nas servidões econômicas impostas às populações mediterrâneas.

Contribuiu para antagonismo no seio das populações argentinas que, embora atenuadas pelo progresso dessa nação, trabalham ainda hoje os seus quadros político-sociais.

(2) *Paraguai:*

Contribuiria para a independência do Paraguai, enfraquecendo o poder militar de Buenos Aires, inicialmente, e das Províncias Unidas, posteriormente.

Agravaria o isolamento do Paraguai desejoso de evitar o contágio do caudilhismo argentino.

Contribuiu para criar os ressentimentos e queixas que foram e são elementos de discórdia entre Paraguai e Argentina.

(3) *Uruguai:*

Propiciaria o aparecimento de ARTIGAS, e o crescimento de seu prestígio político, gerando as idéias de um Uruguai independente.

Contribuiu para as ligações posteriores do Uruguai com o Paraguai, e as populações da Mesopotâmia, criando os elementos que possibilitaram a eclosão da guerra de 1851 e 1852, e da Tríplice Aliança.

Trouxe até o estuário do Prata a influência de inglêses e franceses, elementos perturbadores da vida internacional dos Estuários Platinos.

Contribuiu para a resistência das populações uruguaias às tendências de absorção de Buenos Aires, seja pela guerra, seja pela ação diplomática, buscando alianças com o Brasil.

(4) *Brasil:*

Deu ao Brasil novas oportunidades para tentar levar suas fronteiras até o Rio da Prata (1811 a 1821) (1825-1828).

Deu possibilidades ao Brasil de manter o equilíbrio na Bacia Platina e de garantir livre navegação nos rios da Bacia, objetivos fundamentais de sua política internacional no Prata.

Criou elementos de perturbação política no Rio Grande do Sul.

Contribuiu para levar o Brasil a fazer a guerra preventiva de 1851 e 1852 e a guerra com o Paraguai.